

# **Pandemia, questões raciais e circulação de sentidos pelas lentes de três intelectuais**

Maria Aparecida Moura  
Rosane Borges  
Claudia Bernard  
Laura Guimarães Corrêa

Neste capítulo, organizamos as principais – e mais instigantes – ideias apresentadas por Maria Aparecida Moura, Rosane Borges e Claudia Bernard<sup>1</sup> em entrevistas realizadas por Laura Guimarães Corrêa<sup>2</sup> com essas proeminentes intelectuais negras sobre acontecimentos

---

1 A ordem dos nomes segue a ordem cronológica em que as entrevistas foram realizadas e publicadas.

2 Caroline Marques e Mariane Rodrigues Marques, graduandas em Iniciação Científica Voluntária do Coragem (Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero UFMG), trabalharam na transcrição das entrevistas e colaboraram na organização/redação do texto e suas conexões. Gabriela Corrêa Vidigal, graduanda em História na UFMG, traduziu, transcreveu e legendou a entrevista de Claudia Bernard.

e questões que surgiram com muita força no primeiro semestre do ano de 2020. Nessas conversas, destacam-se alguns temas principais: a pandemia de Covid-19, que evidenciou nossa fragilidade como seres humanos e deu a ver desigualdades em escalas nacionais e internacionais; e o assassinato de George Floyd e a repercussão desse fato para a discussão sobre questões raciais. As autoras pensam a comunicação, a mídia, o jornalismo, analisando reflexiva e semioticamente sobre processos, principalmente aqueles mediatizados, de produção de sentidos (e também de disputas de sentidos) na contemporaneidade, defendendo a potencialidade de novas epistemologias que partam de indivíduos e grupos sociais das margens

As três entrevistas foram realizadas em julho de 2020 e publicadas no canal do YouTube do Ciseco no mesmo mês. Mesmo tendo acontecido poucos meses depois do início da pandemia, as conversas com Moura, Borges e Bernard trazem conexões, insights, conceitos e proposições que demonstram, com lucidez, que estamos em crise há mais tempo, e que os acontecimentos de 2020 nos provocam a pensar em alternativas, em quebras, em reconstruções, em novas epistemologias para entender e para transformar a realidade.

Para a organização deste texto, buscamos aproximar tematicamente as falas das entrevistadas, realizadas em conversas separadas, em diálogo neste capítulo. Muitos pontos estão em consonância, apesar de partirem de abordagens, lugares, e filiações teóricas diferentes. As entrevistas com Cida Moura e Rosane Borges, brasileiras, foram feitas em português; a conversa com Claudia Bernard, britânica, em inglês. Como característica identitária comum às três intelectuais, está o fato de serem pesquisadoras negras de destaque nas áreas em que atuam. Também como ponto comum, as três intelectuais pensam e falam do seu lugar de mulheres negras, atentas aos desafios que atravessam sua experiência na sociedade de modo geral e no meio acadêmico, de forma mais específica.

## A pandemia de Covid-19 e a semiose das asfixias coloniais

Para pensar as crises que se intensificaram a partir do ano de 2020, a semioticista Maria Aparecida Moura propõe a ideia de uma semiose das asfixias coloniais. No início de sua fala, a autora aponta a importância de trazer a semiótica cada vez mais para o mundo da vida. Moura conta que vem de movimentos sociais organizados, trabalhando especificamente com culturas populares, com comunicação popular e também com o movimento social negro. Assim, ela afirma que se viu desafiada a “pensar formas de discutir questões sociais pela lente da semiótica” e, pensando nos conceitos de Peirce, mostrar que, “para além da diferença do modo de denominar os fenômenos, era importante percebermos que essas categorias, esses conceitos, essa forma de olhar para os processos de significação eram formas que poderiam nos auxiliar.” Ela afirma que esse desafio faz parte de seu trabalho desde sempre.

Refletindo sobre a pandemia de Covid-19 e a “intensa explosão semiótica” que se deu desde o início da circulação do vírus, Moura afirma que

neste momento em que estamos vivendo exatamente algo que poderíamos chamar de extraordinário, pela surpresa e pelo modo que pegou o planeta inteiro, eu comecei a pensar, primeiro, os efeitos disso. O primeiro movimento (...) foi uma expressão de enorme xenofobia. “De onde teria partido esse vírus?” “Quais seriam as razões inconfessáveis de surgimento desse vírus?” “Ele teria sido estruturado em um laboratório?” “Como é que teria sido isso?” (...) essa intensa explosão semiótica — podemos chamar assim —, trouxe esse cenário, no sentido de que, cada um em seu

modo, em função da sua crença, do seu referencial teórico, do bairro onde mora, sua condição social, tentou explicar e tentou reagir a esse fenômeno de uma determinada maneira. (MOURA, 2020)

Provocada pelas questões colocadas, a pesquisadora Cida Moura traz reflexões muito ricas para pensarmos as construções de sentido em torno da pandemia, com uma mirada para o contexto global e o caráter colonial de organização do mundo:

(...) os mecanismos que coordenam o planeta, que são absolutamente coloniais do ponto de vista do conhecimento que é produzido, do modo de organizar quem entra e quem sai dos lugares, e de organizar também quem vive e quem morre, esses mecanismos são absolutamente pautados em uma compreensão de humanidade que "nós somos e vocês não são", "nós e os outros". Me pareceu que esse processo acabou por intensificar ou exacerbar o nosso olhar, nós que estamos nas fronteiras, nós que estamos no Sul (...). Ao olhar para esse marcador ainda maior, de uma necropolítica, começou-se a criar um conjunto de categorias para determinar quem pode viver ou quem pode morrer. (MOURA, 2020)

Nesse momento da entrevista, Moura apoia sua discussão no trabalho do pensador camaronês Achille Mbembe, especialmente os livros "Necropolítica", "Brutalismo" e o artigo "O direito universal à respiração". A autora destaca que Mbembe não fala especificamente de semiótica, mas ela, enquanto semioticista, percebe conexões imediatas com a área. Moura empreende um esforço de captar a realidade a partir do lugar que ocupa na sociedade. Nesse sentido, a pensadora chama a atenção para a pertinência da ideia de semiótica regional para explorar sentidos do termo asfixia, que diz de um efeito / sintoma da Covid-19 e que pode ser expandido para a violência racial, traçando um instigante paralelo entre as duas acepções do termo.

É importante que a gente, cada vez mais, aproxime a semiótica naquilo que ela tem de geral, de potencialidade para nos explicar os fenômenos num ponto de vista mais amplo; ela está associada à possibilidade de dialogarmos com outras áreas do conhecimento que têm potência também para nos auxiliar. (...) Quando a gente fala dessa asfixia colonial, tem a ver com um processo de significação, eu falo como uma mulher negra que vive no Brasil, (...) que olha para os processos de racialização e as violências associadas ao nosso pertencimento étnico. Quando vamos falar dessa asfixia colonial, é difícil não pensar nesses processos de violência que reiteradas vezes acontecem no Brasil e no mundo, e nós tivemos recentemente mostras disso, em que a ideia de respirar está presente ali, a ideia de respirar associada a violência, uma violência que foi televisionada. (MOURA, 2020)

Moura aqui traz para a conversa a relação entre a doença e a violência, falando do quanto a imagem de Floyd a afetou: "Por um momento essa imagem do George não sai da minha cabeça, a imagem dele e a expressão que ele traz. Então, a expressão que ele traz também vai nos colocar nessa reflexão, o que está por trás do eu não consigo respirar?" Com esse paralelo, a pensadora pergunta: "Quais são as coisas que têm impedido a gente de respirar, do ponto de vista acadêmico e do ponto de vista social, de uma maneira mais ampla? Eu ando pensando muito nisso, escrevendo sobre isso, tentando ler coisas que me auxiliem em compreender e colocar a semiótica a serviço dessa compreensão." (MOURA, 2020)

## **A pandemia e as crises entrelaçadas**

A pesquisadora Rosane Borges propõe pensar a pandemia através do pensamento de crise, considerando o fato inédito de paralisação da

economia global. Borges fala do impacto dessa crise que reverbera em vários países e destaca o fato de o Brasil ser o quarto país mais desigual do mundo, afirmando que

a pandemia revelou esse Brasil indigente, um Brasil miserável, literalmente. (...) O Brasil voltou para o mapa da fome! Eu acho que a Covid materializa isso para a gente de forma muito brutal, e aí não tem como a gente pensar que é um problema apenas econômico. É uma crise civilizatória; os estados não estavam preparados para a paralisação da economia brusca da forma que a gente teve, (...) é uma crise civilizatória sem precedentes. (BORGES, 2020)

Borges chama a atenção ainda para o agravante do contexto de uma crise institucional e política no Brasil: "desde 2016, estamos sem institucionalidade (...), com um o governo acéfalo, sem cabeça, sem comando. E isso tem um impacto terrível no campo da educação, da cultura e das existências, porque o próprio governo negou o que é a Covid". Considerando as crises concomitantes e entrelaçadas, assim como as desigualdades e violências que tiveram visibilidade no emblemático ano de 2020, a entrevistada ressalta ainda um problema persistente, "que é o racismo antinegro no mundo". Ao estabelecer conexões entre os acontecimentos que culminaram no ano de 2020, Borges defende que, "se a Covid inaugura o século XXI, o devir negro no mundo também o faz."

A autora costura essa relação entre as crises, lembrando que o assassinato de George Floyd, em maio de 2020,

convocou o mundo, em plena crise da pandemia, a pensar como o racismo é um operador de desigualdade, de morte, ele nos asfixia de várias formas. Ele convidou as pessoas não negras a pen-

sarem isso. Eu acho que a gente tem momentos na história, como foi a Rosa Parks, que detonou o movimento de direitos civis; a morte da Marielle, que teve uma sensibilização um pouco maior da sociedade brasileira. (...) é um momento realmente difícil para todos nós e há um reposicionamento da questão racial negra aí. Sob vários pontos de vistas, porque são os corpos precarizados que estão morrendo pela Covid; são as pessoas que estão passando fome porque não estão conseguindo trabalhar; são as empregadas domésticas que foram consideradas, em vários estados brasileiros, serviço essencial, (...) tem sempre o fundamento racial, um eco da escravidão. Essa crise está nos revelando isso, (...) que nós vivemos um passado que não passa. (BORGES, 2020)

Inserida em contexto diferente, a pesquisadora britânica de origem caribenha Claudia Bernard também estabeleceu, na entrevista, relações entre a pandemia, a desigualdade e o racismo em Londres, cidade em que vive e leciona. Ela destaca que cerca de 47% das pessoas que moram na cidade são negras e de minorias étnicas, para dar uma ideia de como Londres (assim como outras cidades da Inglaterra como Manchester e Birmingham) é racialmente diversa. Ela salienta que a pandemia desmascarou e expôs o fato de que, no contexto inglês,

desproporcionalmente, as pessoas que têm sido mais afetadas, que têm morrido, têm sido negras e de minorias étnicas, negras e de ascendência asiática. (...) o número de agentes na área da saúde, enfermeiros(as), médicos(as), equipe de limpeza, aqueles que estão na linha de frente, motoristas de ônibus, tem se destacado o número desproporcional de mortes nessas comunidades, porque... (...) em certos ofícios, é mais provável que sejam tra-

balhadores negros ou de minorias étnicas. Então os riscos são maiores para eles. (BERNARD, 2020)

Bernard conta, na entrevista, que essa desproporção estimulou os debates públicos sobre as desigualdades existentes que aumentaram os riscos para certos grupos de pessoas. Ela afirma que "as pessoas têm acesso a serviços de saúde<sup>3</sup>, mas o que tem sido destacado são as maneiras pelas quais a pobreza e as desigualdades contribuem para que pessoas que não têm acesso a comida saudável (o que leva a diabetes, obesidade, hipertensão etc.), o que as tornam mais vulneráveis à Covid-19." A pesquisadora destaca a pressão que vem da mídia, especialmente de jornalistas negros(as) que estão escrevendo e dando visibilidade a essas questões, "então tem sido mais difícil evitar reconhecer que a raça e o racismo fazem parte do problema."

Londres entrou em lockdown no dia 23 de março de 2020. Diferentemente do caso do Brasil, no Reino Unido houve / tem havido um controle intenso quanto à movimentação das pessoas, o que contribuiu em parte para a redução da disseminação do vírus. Segundo Bernard, "não podíamos ir para muito longe de casa, só podíamos sair de casa uma hora por dia para nos exercitar, comprar comida, ou receber assistência médica. Não podíamos estar fora de casa sem motivo." Ela relata que uma infração foi criada para que a polícia pudesse prender as pessoas se considerassem que elas estavam fora de casa sem um bom motivo. As medidas são compreensíveis dada a gravidade e o risco da doença. Entretanto, a pesquisadora ressalta que os tratamentos conferidos às pessoas diferiam muito:

(...) as pessoas que estavam sendo paradas, revistas e interrogadas pela polícia eram negras, em

---

3 O NHS (National Health Service) tem caráter público e oferece acesso gratuito aos serviços de saúde no Reino Unido. O sistema inspirou a criação do SUS (Sistema Único de Saúde) no Brasil.

comparação com a população do país, reforçando outros processos que sabemos que acontecem: pessoas negras, especialmente homens jovens negros... é muito mais provável que sejam parados pela polícia. Então a Covid-19 estava elucidando outras questões que têm sido trazidas à tona há muito tempo. Então em muitos pontos isso chamou a atenção e tornou essas questões mais visíveis, de modo que se tornou mais difícil para o governo negar a presença da raça. Como resultado, houve muita pressão para que o governo fizesse uma pesquisa, sobre os fatores e problemas que levam esses grupos a serem desproporcionalmente afetados pela Covid-19. Essa pesquisa está em curso. (BERNARD, 2020)

Além das questões de raça e classe exacerbadas pela pandemia, Bernard afirma que, no contexto de um lockdown, há também questões de gênero a serem observadas. Além de citar o aumento da violência doméstica, que é um problema gravíssimo, ela lembra que "mais mulheres estão responsáveis pelos cuidados com as crianças, com a educação das crianças em casa." Além disso, a pesquisadora destacou que

desigualdades entre os gêneros trarão impactos a longo prazo. Considerando mulheres na vida acadêmica, vai haver um efeito a longo prazo no progresso das mulheres, porque, particularmente para mulheres no início de sua carreira acadêmica, o que está acontecendo agora, como resultado da COVID-19, tem impactado muito mais a sua capacidade de trabalhar, de escrever, de pesquisar, porque as mulheres estão se ocupando com o trabalho doméstico. A Covid-19 (..) nos afetou de uma que é difícil ignorar que o gênero é um fator a ser considerado. (BERNARD, 2020)

A seguir, apresentamos as principais reflexões de Moura, Borges e Bernard sobre a comunicação e a mídia. Elas falam sobre jornalismo, semiótica, redes sociais, vínculo e trazem ideias para pensarmos a circulação midiática principalmente a partir dos eventos que marcaram o início do ano de 2020.

## **Vínculos, comunicação e jornalismo em tempos de pandemia**

Também com vistas à compreensão dos turbulentos tempos atuais, a pensadora Rosane Borges reflete sobre a circulação midiática de sentidos sobre a pandemia e suas interrelações com o contexto brasileiro, acionando a ideia de vínculo.

A comunicação está no epicentro, na sua modalidade técnica, midiática e computacional, pois dá visibilidade a essa fratura do contemporâneo (...). Temos uma crise na comunicação, no sentido de que, se temos uma sofisticação tecnológica capaz de nos integrar, de proporcionar que nós estejamos ao vivo fazendo lives, por outro lado, eu acho que a gente tem também um sacrifício do que é a comunicação, pensando nos termos do Muniz Sodré, que é a construção do vínculo.

Borges relembra que, "quando a internet surgiu, muita gente apostava que a grande commodity da internet seria a informação e o saber (...)." A autora afirma que, entretanto, "a internet e particularmente as redes sociais acabaram priorizando a opinião e crenças. (...) Temos um presidente que foi eleito com base em fake news e vem desdenhando da ciência, do argumento, da informação e do saber." Borges pondera que, "no início da pandemia, tivemos na mídia uma consideração importante pela ciência; o jornalismo recorreu muito aos dados científi-

cos, às informações.” Entretanto, ela aponta que a ideia do laço social tem sido sacrificada na comunicação e propõe que repensemos o jornalismo:

(...) o jornalismo vive uma crise, nós que somos jornalistas vivemos uma ferida narcísica, que não conseguimos curar. Qual é a ferida narcísica do jornalismo do século XXI? É que nós, profissionais deixamos de ser mediadores exclusivos dos acontecimentos sociais. Hoje, as pessoas têm acesso ao que acontece no mundo por meio das câmeras das pessoas. (...) O mundo não é mais algo que passa pelo nosso crivo, pelo nosso olhar, pela nossa escrita. Eu acho que essa ferida narcísica atingiu em cheio o coração da atividade jornalística. Então, de certa forma, pra reagir a isso, o quê que se tem? Um jornalismo que também fica muito refém das redes sociais (...), reverbera o que se tem nas redes sociais, e acaba não cumprindo o (...) princípio da transparência; da esfera pública; do debate. (O jornalismo) está muito ligado ao interesse do público e não ao interesse público. (...) É preciso exercitar esse compromisso da informação, do conhecimento, do saber, com uma comunicação que não arrede desse princípio de promoção do vínculo, de construir sentidos que emancipem e que não sacrifiquem a condição humana. (BORGES, 2020)

Ainda sobre o vínculo, Rosane Borges pergunta: “como a comunicação pode (...) reorganizar essa temática do vínculo, do ódio ao outro, a partir da questão racial? Porque é o racismo que faz com que a gente não construa vínculo com o outro. O laço social e os sentidos ficam fraturados.” (idem).

Perguntada na entrevista sobre a diferença que pode fazer, para o jornalismo, a presença de pessoas negras e de outras minorias étnicas na produção da mídia, considerando o contexto britânico, Claudia Bernard responde que, pelas experiências que atravessam, jornalistas negros(as) podem ter uma capacidade maior de “entender, escrever sobre e dar voz aos problemas do racismo. Uma vez que se tem mais jornalistas nesses espaços, eles(as) contarão uma história diferente”. Ela defende que “temos que contar contra-narrativas (...), pois a narrativa na mídia, com frequência, retrata pessoas negras como desviantes, criminosas, com viés negativo etc.” e que, quando outras experiências são representadas, “isso é feito de uma maneira que não compreende o privilégio branco e o racismo institucional, (...) pois são os mesmos grupos de pessoas falando entre si. E esse é só um lado de uma história”. (BERNARD, 2020).

Bernard relata que, no Reino Unido, jornalistas negros(as) muito bons e reconhecidos conseguiram se organizar rápida e coletivamente frente aos acontecimentos e fatos que afetaram grupos minoritários durante a pandemia, escrevendo artigos, cartas, dando declarações na mídia. Ela defende que “é desse tipo de coisa que precisamos, para representarmos todo o tipo de experiência, experiências que normalmente não seriam representadas na mídia. E, quanto mais jornalistas, especialmente jornalistas competentes e analíticos(as) que podem trazer análises aprofundadas sobre questões raciais, melhor.” A pesquisadora completa fazendo um paralelo com o saber construído nas universidades: “e eu acho que é parecido quando penso na vida acadêmica, onde é preciso fazer outros tipos de perguntas sobre o conhecimento, trazer outras histórias, e só se tem isso quando temos vozes diversas o fazendo.” (BERNARD, 2020).

Em uma pandemia mundial, o assassinato de George Floyd, um homem negro asfixiado por um policial branco nos Estados Unidos, fez com que os olhos do mundo se voltassem para as vidas negras. Alguns

meses depois, um hipermercado no sul do Brasil foi cenário do homicídio de João Alberto Freitas, um homem negro que fazia compras com a esposa. Ele foi equivocadamente identificado, seguido, intimidado, reagiu, foi imobilizado e agredido. Após vários minutos de agressão, João parou de se mexer. O socorro foi tardio, e o homem já estava morto com a chegada do serviço de emergência. O fato precedeu o Dia da Consciência Negra, e conectou a realidade do racismo antinegro nos Estados Unidos e no Brasil, desvelando pontos em comum.

O acontecimento ocorrido no Brasil, pela distância do norte Global e pela repetição com que acontece, não teve a comoção mundial do caso Floyd, que repercutiu em muitos países. Claudia Bernard fala das reverberações do acontecimento estadunidense e dos protestos do movimento Black Lives Matter no Reino Unido:

Então tem sido muito interessante ver tudo isso, na publicidade, de diversas maneiras, realmente fazendo pronunciamentos sobre antirracismo de um modo nunca visto antes. Sempre foi dito (...): «Nós apoiamos diversidade e inclusão, blábláblá...» E nada além disso. Ao passo que desta vez... Em muitos dos eventos esportivos, integrantes do partido Labour, no Parlamento, várias pessoas se ajoelharam em solidariedade. Então, a diferença que podemos ver, é que, na mídia, grandes instituições estatais da educação, programas de assistência social, a igreja, a polícia, uma grande variedade de atores sociais... Todos tiveram de fazer pronunciamentos sobre o movimento Vidas Negras Importam. Tiveram que dar declarações sobre antirracismo de uma forma que não acho que teria acontecido sem o assassinato de George Floyd e os protestos subsequentes. (BERNARD, 2020).

Bernard percebe que, quando do assassinato de Floyd, houve algo de diferente, o momento era diferente e também a maneira como o caso foi narrado, retratado. Ela destaca a presença e a circulação de

notícias sobre o acontecimento nos mais diversos meios e plataformas como jornais, programas de TV, rádio, mídia online, entendendo o momento como "decisivo", e que mostra que "precisamos fazer um trabalho melhor quanto à raça." (BERNARD, 2020). A pesquisadora britânica percebe uma mudança, mas destaca que, "no Reino Unido, pessoas negras e de minorias étnicas têm lutado por isso por muito, muito tempo. Não é só o movimento Vidas Negras Importam e a morte de George Floyd que nos uniram e estimularam para isso, nós estamos lutando há 50 e tantos anos, quando falamos de igualdade. Parte dessa luta só está sendo levada a sério agora."

Laura Corrêa comenta que o fenômeno está acontecendo também no Brasil, e que pessoas que nunca haviam tratado do racismo agora estão começaram a falar sobre o tema. De maneira geral, apenas as pessoas negras, que se interessavam pelas discussões sobre questões raciais, apareciam. Depois do caso Floyd, as pessoas estão sendo solicitadas para falar, bem como companhias, corporações, e a mídia brasileira mainstream se pronunciam sobre o problema. Entretanto, algumas pessoas do movimento negro no Brasil estão dizendo que a grande onda estaria diminuindo e se achatando, e dando espaço a outros assuntos, e estão perguntam: "Qual a mudança efetiva que vai acontecer depois de tudo isso?" Bernard comenta que

essa é a questão relevante que está sendo perguntada por aqui também. (...) Se olharmos para a maioria das maiores instituições, nos setores público e privado, a BBC, muitos dos museus, como a Tate Modern, esses todos, se entrar nos seus sites, você verá algum tipo de pronunciamento dizendo: "Nós apoiamos o movimento Vidas Negras Importam... e toda vida negra importa. E isso é o que estamos fazendo para apoiar..." (BERNARD, 2020).

Além do debate nessas instituições, Bernard relata que as discussões estão muito mais presentes também nas universidades, inclusive naquela em que trabalha:

Essa conversa está acontecendo na Goldsmiths, porque um dos prédios principais tem estátuas de pessoas que eram ligadas à escravidão. Então essa conversa está acontecendo: “como nos livramos disso?” Então a discussão tem se expandido além do esperado, para mim, se destaca que seja um momento diferente de como já foi, quando vimos duas semanas de muita cobertura da mídia, e depois diminui e voltamos ao normal. O sentimento agora é que não voltaremos ao normal, em parte por causa da Covid-19, em parte por causa do Vi-das Negras Importam. (BERNARD, 2020).

## **O olhar a partir das margens e o desafio de novas epistemologias**

A entrevistadora perguntou às três pesquisadoras sobre o que pensavam sobre a produção de conhecimento vinda das margens, dos grupos mais vulneráveis, e se isso pode trazer contribuições (ou soluções, ou alternativas) para o momento em que vivemos e para o futuro. Rosane Borges responde que sim, e justifica sua posição com exemplos. Ela começa por citar uma frase de que gosta: “as pessoas que estão na margem conseguem ver catástrofes bem antes do que quem está no centro”. Ela diz que isso acontece por uma questão simples, físico-geográfica mesmo:

por uma questão de lógica, na margem você tem uma visão panorâmica dos fenômenos que acontecem no mundo, quem está no centro não tem.

Normalmente, a gente pensa na margem como o lugar da falta, o lugar da destituição, o lugar das ausências. bell hooks vai dizer que não é só isso. Da margem, a gente pode elaborar projetos que são emancipatórios, exatamente porque nós estamos na margem. (BORGES, 2020)

A autora oferece o exemplo das mulheres negras brasileiras “que marcharam em 2015 para dialogar com a presidenta Dilma Rousseff contra um projeto desenvolvimentista (...) que asfixia a cultura, que asfixia saberes, que não promove os grupos vulneráveis a uma condição de autonomia e emancipação.” Borges entende que, naquele momento, mulheres negras brasileiras viam “o que poderia acontecer no Brasil, como aconteceu em 2016 e em 2018. Nós fomos o único grupo que foi para a rua falando: ‘estamos correndo perigo’”. Segundo a pesquisadora, esse grupo de mulheres anteviu as tragédias, propondo “uma outra gramática política para o Brasil.” defendendo que, da margem, há possibilidades, e que

é preciso que os saberes subalternizados, que culturas negras, culturas indígenas, sejam vistas como projetos civilizatórios e que o mundo precisa ouvi-los. (...) Eu acho que quem tem a possibilidade de oferecer outro processo de produção são os povos originários e as pessoas negras. Como a gente pode pensar nisso no campo das ciências, das ciências duras? Como é que a gente pode construir outras epistemologias? (...) a gente tem uma oportunidade ímpar de, neste momento, pensar (...) em como a margem pode ensinar a ciência, como a margem pode aportar saberes para nossas metodologias. (BORGES, 2020)

Borges argumenta, assim, que a pandemia de Covid-19 pode nos ensinar. Ela nos lembra de que, "quando os ecologistas diziam que era preciso construir outro tipo de relação com a natureza, com a biosfera, foram duramente criticados pelos globalistas, pelos financistas; que diziam que o mundo não poderia ser feito de outra forma". Entretanto a Covid-19 "diz": "Outras pandemias virão se não tivermos outra relação com a biosfera, e quem tem uma outra relação com a biosfera historicamente são os povos indígenas. É preciso que a gente aprenda com eles; com comunidades quilombolas." Borges finaliza assertivamente, afirmando que "as pessoas que habitam as margens (têm) projetos de um outro mundo. É preciso que a gente acolha nesse novo normal essas outras gramáticas políticas, essas outras cosmovisões, porque, essa (do presente) é um projeto falido." (BORGES, 2020).

Maria Aparecida Moura cita uma dessas epistemologias como uma potencialidade: "eu diria que o feminismo negro hoje está sendo convocado para ser também essa semiótica regional, no sentido de que nos ajuda a pensar de um lugar, um lugar específico. (...)". Ela estabelece uma relação com o pensamento de Peirce, dizendo que

há uma potência de conexão, então é como se o processo abduativo e a abdução conectassem planetariamente as mulheres negras; no sentido peirciano do termo, em que há conexões entre as questões das mulheres que estão mundo afora. É como se estivéssemos também acordando de um grande sonho: porque eu não estava falando sobre isso? porque eu não estava tematizando deste modo? porque eu não estava nomeando, colocando os nomes tais como eles devem receber? (MOURA, 2020)

Sobre a criação do conceito que propõe, o das asfixias coloniais, Moura reflete sobre a necessidade de se inventar nomes para as coisas e fenômenos, também apoiada na semiótica:

(...) Peirce diz que, ao invés de provocar aproximações, devemos ir na radicalidade da coisa e nomear; nomear e tentar a partir dali estabelecer semioses acerca daquilo que estamos propondo como um conceito novo, uma categoria nova. Eu não tenho ideia de onde vou chegar com essa asfixia colonial, mas eu gostaria de dizer que não se trata apenas de uma adjetivação da asfixia, mas sim um tipo real de asfixia; eu não estou só criando um nome novo, mas tentando pensar o que está contido aí nessa asfixia reiterada e colonial; então é um pouco esse o esforço, (...) é bem semiótico o esforço de caminhar nessa direção (MOURA, 2020)

Quando do início da pandemia, muitos de nós pensávamos que esse período excepcional duraria menos tempo do que tem durado<sup>4</sup>, que estávamos passando por um período de anormalidade (o tal novo normal) e que rapidamente voltaríamos à normalidade. Borges nos convida a considerar que “nós vivíamos a anormalidade absoluta, (...) a pandemia nos revelou como a gente estava cheio de anormalidade.” (BORGES, 2020)

## **Considerações sankofas (à maneira de Cida Moura)**

Cida Moura defende que “pensarmos outras epistemologias é fundamental e que nós temos toda a potência para fazer isso, mas que isso requer que pensemos fora das caixinhas que nós previamente criamos para pensarmos”. Ela entende que a semiótica

---

4 Finalizamos este texto em setembro de 2021 e, apesar de avanços na vacinação, ainda não se pode dizer que a pandemia de Covid-19 está sob controle, por motivos diversos.

é uma área que potencializa muito isso, pois nos convida a pensar na fronteira das coisas. Então assim, eu me sinto semiótica desde quando eu nasci, no sentido de que muito cedo eu tentei buscar isso; ao mesmo tempo que eu estudo cultura digital, eu estudo as culturais tradicionais, e não vejo contradição. Penso que a semiótica pode nos ajudar, a mostrar quando dizemos que tudo é signo; então acho que abrimos muitas possibilidades de pensar diferente; se dissermos que tudo é signo, não só os signos coloniais são signos. (...) Temos um grande desafio pela frente, mas também um bom caminho para se trilhar. (MOURA, 2020)

Perguntada sobre o significado de “considerações sankofas”, a autora responde que “sankofa é a imagem de um pássaro que faz referência a uma tradição africana, que quer dizer ‘volte e pegue’”. Ela entende que passamos apressadas para conquistar nosso lugar na academia e que a imagem desse pássaro nos diz que,

(...) se você deixou de pegar algo no caminho por pressa (é o sentido que tem para mim), se você nesse caminho de se tornar inteligente pela rota colonial, e se isso não te é suficiente nesse momento, se você sente que está esvaziado de sentido, sua vida, suas produções.... volte e pegue. Então voltar e pegar, no meu caso, é voltar e pegar na tradição afro-brasileira, para fazer sentido e fazer força, ser força e potência nesse momento. (MOURA, 2020)

Finalizamos o capítulo assim como nas três entrevistas, sem muitas certezas em tempos de crises, no sentido de que, como disse Moura, “não tenho nada para concluir, eu estou voltando e bebendo na fonte da minha tradição para significar esse tempo tão maluco, de que as lógicas e as concepções coloniais não dão conta.” Ela finaliza afirmando que as “considerações sankofas são o momento do desencaixe, de falar

'olha, nós temos um modo de pensar, nós temos uma cosmovisão que é distinta, e necessária e potente, então volte e pegue. É isso!"

## **Referências**

Entrevistas disponíveis no canal do Ciseco no Youtube:

Maria Aparecida Moura: [https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8\\_1ThDPCQ](https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8_1ThDPCQ)

Claudia Bernard: [https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8\\_1ThDPCQ](https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8_1ThDPCQ)

Rosane Borges: [https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8\\_1ThDPCQ](https://www.youtube.com/channel/UCVLbTU5SFB9YPn8_1ThDPCQ)